



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**

LAÍS ALVES FILGUEIRAS GOMES

**ÉTICA E ATUAÇÃO DA MÍDIA BRASILEIRA NA DIVULGAÇÃO DO
CONHECIMENTO EPIDEMIOLÓGICO**

**BRASÍLIA
2016**

LAÍS ALVES FILGUEIRAS GOMES

ÉTICA E ATUAÇÃO DA MÍDIA BRASILEIRA NA DIVULGAÇÃO DO
CONHECIMENTO EPIDEMIOLÓGICO

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade de Brasília,
Faculdade de Ceilândia, como requisito
parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Saúde Coletiva.

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Reis de
Andrade

BRASÍLIA
2016

LAÍS ALVES FILGUEIRAS GOMES

ÉTICA E ATUAÇÃO DA MÍDIA BRASILEIRA NA DIVULGAÇÃO DO
CONHECIMENTO EPIDEMIOLÓGICO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade de Brasília, Faculdade de
Ceilândia, como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em Saúde
Coletiva.

Data de Defesa: ___/___/_____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Flávia Reis de Andrade
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Mariana Sodário Cruz
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Larissa Grandi Vaitsman Bastos
Universidade de Brasília

Para Alcides,
Meu eterno avô.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por dar fôlego de vida, forças e capacidade para vencer os obstáculos dia após dia.

À minha orientadora, Profa. Dra. Flávia Reis de Andrade, por toda atenção, paciência, confiança, apoio, ensinamentos e, principalmente, pelo companheirismo durante toda a jornada acadêmica.

Aos meus pais, Valcira e Carlos, por se dedicarem a construir e realizar todos os meus sonhos, me conduzindo carinhosamente pelas dificuldades impostas pela vida e ajudando a me levantar depois de cada tropeço. Aos meus irmãos, em especial o Lucas, por todo afeto.

Aos meus sogros, Sandra e Laurindo, pela consideração e também por toda palavra de ânimo. Também aos meus cunhados e sobrinhos pelo entusiasmo.

Ao meu esposo, Alysson, pelos abraços confortantes em momentos de alegria e tristeza, por estar sempre ao meu lado e pelos meus maiores tesouros Liz e Levi.

Às minhas amigas, Sabrina, Fernanda, Danielly, Milena, Michelle, Magda, Gessika, Laisa e Ana Terra, pela amizade e por fazerem dos meus dias mais alegres dentro e fora da Universidade, acompanhando toda a minha trajetória.

Aos professores da Universidade de Brasília, notadamente ao colegiado de Saúde Coletiva, que me transformaram durante a graduação.

Aos participantes da pesquisa, por toda disposição ao trabalho.

“É loucura odiar todas as rosas porque uma te espetou. Entregar todos os teus sonhos porque um deles não se realizou, perder a fé em todas as orações porque em uma não foi atendido, desistir de todos os esforços porque um deles fracassou.

É loucura condenar todas as amizades porque uma te traiu, descrer de todo amor porque um deles te foi infiel.

É loucura jogar fora todas as chances de ser feliz porque uma tentativa não deu certo. Espero que na tua caminhada não cometas estas loucuras. Lembrando que sempre há uma outra chance, uma outra amizade, um outro amor, uma nova força.

Para todo fim um recomeço”.

(Antoine de Saint-Exupéry, em *Le Petit Prince*)

RESUMO

O conhecimento científico produzido pela epidemiologia pode ser divulgado de diversas formas. No âmbito acadêmico, o meio usualmente empregado é o periódico científico. Entretanto, o acesso e a linguagem utilizada, por vezes, não favorecem a comunicação entre os pesquisadores e o restante da sociedade civil. Desse modo, os meios de comunicação de massa são uma alternativa. Objetivou-se, neste estudo, analisar a atuação da mídia brasileira tanto imprensa quanto televisiva na divulgação do conhecimento epidemiológico, a partir da percepção de epidemiologistas. Realizou-se um estudo do tipo descritivo, utilizando a metodologia qualitativa de pesquisa. Epidemiologistas que prestam contribuições relevantes para o desenvolvimento da área foram considerados os informantes-chave. Os dados foram coletados por intermédio de entrevista individual e semi-estruturada. Para tanto, foi utilizado um roteiro composto por uma série de perguntas abertas, mas apenas uma delas foi objeto de análise neste trabalho. O registro das informações foi feito por meio de gravação. Para análise do material transcrito empregou-se a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que é uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal que busca juntar os discursos individuais emitidos pelos entrevistados de modo a expressar o pensamento de uma coletividade. Foram entrevistados oito epidemiologistas no qual cinco eram do sexo feminino, sendo, em geral, indivíduos vinculados durante anos a instituições públicas de ensino superior. Foram identificadas as seguintes ideias centrais em relação à atuação da mídia brasileira na divulgação do conhecimento científico produzido no âmbito da epidemiologia: A) De certa forma, dá pra fazer uma avaliação positiva da mídia, B) Os pesquisadores têm que se envolver na tradução adequada do conhecimento científico para a mídia, pois ela sempre vai estar em busca de coisas que impactem, C) A abordagem é muito superficial, com raras e honrosas exceções, não há na mídia um aprofundamento da análise de determinados resultados de estudos epidemiológicos, D) Em geral, a mídia tem um compromisso maior com os interesses econômicos do que com a informação, e, E) Já dei várias entrevistas e o que eu falei, não foi o que saiu. Para os entrevistados, não raro, dados concludentes de pesquisas

epidemiológicas são divulgados na mídia impressa e televisiva de forma descontextualizada, sem levar em conta a estratégia metodológica adotada e as limitações. O problema é que o entendimento parcial, ou até mesmo incorreto, do conhecimento científico produzido, gera consequências para a população, como a estigmatização de determinados grupos sociais. Em um dos DSC, aparece a questão de que cabe ao epidemiologista contribuir para que os resultados dos seus estudos sejam corretamente veiculados na imprensa. A comunicação e disseminação do conhecimento epidemiológico em linguagem acessível para o público em geral é, portanto, uma das atribuições desse profissional. Alguns entrevistados destacam, ainda, que a mídia é um espaço rico e diferenciado de difusão do conhecimento epidemiológico. Tem, portanto, o potencial, nem sempre explorado, de promover uma maior aproximação entre pesquisadores e beneficiários da ciência.

Palavras-chave: Bioética; Mídia; Epidemiologia; Jornalismo Científico.

ABSTRACT

The scientific knowledge produced by the epidemiology may be disclosed in various ways. In the academy, the media usually employed is the scientific journal. However, the access and the language used sometimes do not favor communication between researchers and the rest of civil society. Thus, the mass media is an alternative. The objective of this study was to analyze the performance of the Brazilian media both printed and television in the dissemination of epidemiological knowledge, from the perception of epidemiologists. We conducted a descriptive study using qualitative research methodology. Epidemiologists providing outstanding contributions to the development of the area were considered key informants. Data were collected through semi-structured individual interviews. Thus, a script consisted of a series of open questions was used, but only one was analyzed in this work. The recorded information was made through recording. For analysis of the transcribed material it was employed the technique of the Collective Subject Discourse (CSD), which is a proposal for the organization and tabulation of qualitative data of verbal nature that seeks to join the individual speeches issued by respondents to express the thought of a collectivity. Of the total respondents, five were female, and, in general, individuals linked for years to public institutions of higher education. Eight epidemiologists were interviewed in which five were female and, in general, individuals linked for years to public institutions of higher education. The following central ideas about the role of the Brazilian media in the dissemination of scientific knowledge produced within the epidemiology were identified: A) In a way, it gives to make a positive evaluation of the media, B) Researchers must engage in proper translation of scientific knowledge to the media, because it will always be looking for things that cause impact, C) the approach is very shallow, with rare and honorable exceptions, there isn't in the media a deeper analysis of selected results of epidemiological studies, D) in general, the media has a greater commitment to the economic interests than with the information, and E) I have already given several interviews and what I said was not what came out. For the respondents, often, conclusive data from epidemiological researches are published in the print and broadcast media in a decontextualized way, without taking into account the

methodological strategy adopted and its limitations. The problem is that the partial understanding, or even incorrect, from the scientific knowledge produced, generates consequences for the population, as the stigmatization of certain social groups. In one of the CSD, occurs a question that it is up to the epidemiologist contributing to the results of their studies are properly aired in the press. Communication and dissemination of epidemiological knowledge in language accessible to the general public is therefore one of the tasks of this professional. Some respondents also emphasize that the media is a rich and differentiated space for the dissemination of epidemiological knowledge. Therefore it has the potential, not always explored to promote a closer relationship between researchers and beneficiaries of science.

Keywords: Bioethics; Press; Epidemiology; Scientific Journalism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
HIV	<i>Human Immunodeficiency Virus</i>
IAD	Instrumento de Análise de Discurso
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
SARS	<i>Severe Acute Respiratory Syndrome</i>
PQ	Produtividade em Pesquisa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1	JORNALISMO CIENTÍFICO	15
2.2	FUNÇÕES DA EPIDEMIOLOGIA	17
2.3	MÍDIA, BIOÉTICA E EPIDEMIOLOGIA	18
3	OBJETIVO	21
4	METODOLOGIA	22
4.1	TIPO DE PESQUISA	22
4.2	IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES-CHAVE	22
4.3	REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS	22
4.4	ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES	23
4.5	CONSENTIMENTO PARA A PESQUISA	24
5	RESULTADOS	25
6	DISCUSSÃO	30
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS	34
	APÊNDICE	39
	ANEXO	40

1 INTRODUÇÃO

A epidemiologia é uma ciência que estuda o processo saúde-doença-cuidado em coletividades humanas, analisando a distribuição e os fatores determinantes das doenças ou agravos à saúde (ROUQUAYROL e ALMEIDA-FILHO, 2003). É um dos alicerces da Saúde Pública e os que a ela se dedicam produzem dados de interesse público. O conhecimento gerado pela epidemiologia pode ser difundido de vários modos. No âmbito acadêmico, os periódicos científicos são o meio mais comumente utilizado. Entretanto, a linguagem empregada e as formas de acesso disponíveis, por vezes, não favorecem a interlocução dos pesquisadores com o restante da sociedade civil. Os meios de comunicação de massa são, portanto, uma alternativa.

De acordo com Gonçalves e Varandas (2005, p. 231), a comunicação tem o potencial de atuar no modo como a sociedade interage e percebe o que a envolve, destacando o papel da mídia como “principal formadora de opinião”. É preciso, portanto, ter cautela com o “caráter mercantil que preside a produção da notícia” (OLIVEIRA, 2000, p. 77). No campo da saúde, o sensacionalismo é preocupante, pois deturpar ou abordar de modo superficial as informações podem ter desfechos problemáticos. É nesse sentido que Loureiro (1992, p. 32) alerta: “[...] o epidemiologista deverá estar atento para problemas éticos advindos da possibilidade de distorção e manipulação de dados, no sentido de manter ou agravar desigualdades, discriminação e preconceitos”. A mídia deve ter a responsabilidade ética como baliza ao selecionar a natureza e o modo de veiculação das notícias.

O uso indevido da informação pode resultar no que Almeida-Filho (2001, [s.p]) chama de “terrorismo epidemiológico”. Ao se divulgar as conclusões de uma pesquisa científica na mídia impressa e televisiva é imperativo levar em conta as suas limitações e o contexto no qual ela foi realizada, mas nem sempre isso ocorre. Em sua dissertação, Malinverni (2011, p. 37) objetivou “entender como a mediação jornalística da *Folha de S.Paulo* transformou o acontecimento febre amarela silvestre, ocorrido no verão 2007-2008, em evento de caráter epidêmico para os leitores do jornal”. A autora salienta que, na época, a publicação periódica de reportagens sobre a febre amarela contribuiu para que as pessoas a interpretassem como “um evento potencialmente epidêmico, perigoso e letal” (MALINVERNI, 2011, p. 137). A

ênfase na vacinação como meio de evitar a doença fez com que houvesse uma procura desordenada e acrítica da população pela vacina, desconsiderando os riscos de sua aplicação. Dessa maneira, os objetivos da mídia como empresa acabaram se sobrepondo ao interesse público.

Para Barata (2005, p. 749), falhas na interpretação de resultados de cunho epidemiológico pelos meios de comunicação de massa podem levar ao “desenvolvimento ou solidificação de preconceitos”, o que provoca danos ainda maiores à saúde das populações. Para ilustrar, pode-se citar a emergência da Síndrome Respiratória Aguda Grave (*Severe Acute Respiratory Syndrome - SARS*) na Ásia, em 2002. No caso desta doença infectocontagiosa, a mídia, segundo Luna (2003, [s.p.]) teve papel importante na disseminação de um “pânico em escala mundial”. Singer et al. (2003) afirmam, por exemplo, que devido a compreensão limitada das pessoas a respeito da transmissão da SARS, chineses ou recém-chegados da China foram estigmatizados, uma vez que os primeiros casos ocorreram em uma província desse país. No caso de emergências epidemiológicas, a cautela na veiculação de notícias deve ser ainda maior.

Silva (2009, p. 132) aborda em seu artigo aquele que ficou conhecido como “Caso Escola Base” que, para ele, foi “um dos maiores equívocos da imprensa brasileira”. Em 1994, donos de uma creche em São Paulo foram acusados, erroneamente, de terem abusado sexualmente dos alunos. Segundo o autor, ao valorizar os índices de audiência, a mídia fez com que os denunciados sofressem uma espécie de “linchamento social” (SILVA, 2009, p. 131). A esse respeito, Mattos e Siqueira (2005, p. 45) realizaram uma pesquisa com uma centena de jornalistas com o objetivo de “avaliar o que pensam sobre a importância das reflexões éticas, o conhecimento que possuem sobre o tema e se a formação acadêmica que tiveram foi suficiente para o exercício ético da profissão”. Para os autores, existem lacunas referentes aos fundamentos de ética na formação dos jornalistas. Com base nisso, objetivou-se neste estudo analisar a atuação da mídia brasileira tanto impressa quanto televisiva na divulgação do conhecimento epidemiológico, a partir da percepção de epidemiologistas com reconhecida trajetória na área.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 JORNALISMO CIENTÍFICO

A comunicação é um ato inerente ao ser humano. De acordo com Targino (1999, p. 10), trata-se de um “processo de intermediação que permite o intercâmbio de ideias entre os indivíduos”. No passado, a informação era transmitida oralmente, de pessoa para pessoa, o que dificultava a disseminação do saber. No século XV, ocorreram evoluções no processo de impressão que permitiram ampliar a velocidade de acesso às notícias (FIORI et al., 2011).

Para Hohlfeldt e Valles (2008, p. 60), jornalismo “é a atividade de transmissão da informação sobre questões relativas de interesse geral destinada a um determinado público-alvo”. Kucinski (2000, p. 182) salienta que o jornalismo é importante na consolidação da democracia e que possui “função de vigilância da cidadania e justiça”, sendo uma ferramenta de representação que possui alto grau de confiança da população. O jornalismo é, portanto, um dos principais instrumentos de comunicação (MALINVERNI, 2011).

Marconi e Lakatos (2009, p. 80) definem ciência como “uma sistematização de conhecimentos, conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenômenos que se deseja estudar”. Ciência e comunicação são interdependentes, ou seja, uma não existe sem a outra (TARGINO, 1999). A ciência produz dados que precisam ser transmitidos como impulso a novas descobertas (BOCCATO e CURTY, 2005). Em suma, a ciência produz mais ciência, na medida em que os dados obtidos em um estudo podem dar origem a novos problemas de pesquisa.

Os avanços tecnológicos das últimas décadas têm sido acompanhados de uma demanda crescente de informações relativas a eles. Tal fato deu origem ao jornalismo científico, campo da comunicação que tem se destacado cada vez mais (CAVALCANTI, 1995). A divulgação científica é definida por Luiz (2003, p. 43) como a “comunicação da ciência para o público em geral”. Ela tem o objetivo de capilarizar as descobertas científicas, isto é, levar ao público notícias de avanços que podem interferir direta ou indiretamente no seu cotidiano. Tem, portanto, a função social de minimizar a distância entre pesquisadores e sociedade (GOMES, 2000).

Cavalcanti (1995) afirma que o interesse é mútuo, ou seja, não é somente o público que se interessa pela relação com o meio científico. A própria comunidade científica busca, junto à população, apoio (inclusive financeiro) para as suas pesquisas. O jornalismo científico destina-se, portanto, “a popularizar informações advindas das diversas áreas do âmbito científico” (MACHADO e SANDRINI, 2013, p. 170). Para Teixeira (s. d., p.135), o pressuposto de um “bom jornalismo científico” reflete no crescimento da ciência, de tal forma a divulgar a “verdade científica, derivada do método” (TEIXEIRA, s. d., p. 134). No entanto, é preciso ter cautela com o sensacionalismo que, frequentemente, acompanha as notícias relacionadas com a ciência.

Segundo Luiz (2003), a notícia é influenciada por questões de cunho político e econômico, sendo, por isso, passível de manipulação por ser considerada um produto de valor. Santos e Santos (2012) descrevem o “jogo de interesses” de natureza política que cercam o jornalismo, inclusive o científico. Os autores afirmam que o jornalista da área da política tem benefícios bastante particulares, pois uma notícia de natureza política dá origem a outras vinculadas a diferentes setores. Tilly (2005, p. 48) considera que há certa dependência da produção científica e sua divulgação a “agentes informados”, fazendo referência aos interesses próprios e dos financiadores da notícia.

As notícias referentes às ciências devem estar de acordo com a linguagem comumente utilizada pelo público alvo. É nesse contexto que o jornalismo entra como mediador, facilitando o diálogo. No jornalismo científico, a informação necessita de “decodificação ou recodificação do discurso especializado” (BUENO, 2010, p. 3). É preciso, portanto, transformar os achados acessíveis ao público (BARRICHELLO, 1996). A esse respeito, Luz (2009, p. 92) afirma que para “fazer com que as notícias cheguem ao leitor em uma linguagem simples [...] o jornalista necessita, antes, compreender bem o tema”. Notícias científicas são “abstratas e complexas” e devem ser cuidadosamente manipuladas para se chegar a um “texto jornalístico preservando o conteúdo da ciência” (LUZ, 2009, p. 95). Dessa forma, o jornalismo científico é importante na medida em que promove aproximações

entre a comunidade científica e a sociedade com o intuito de modificar o cotidiano.

2.2 FUNÇÕES DA EPIDEMIOLOGIA

Conforme mencionado, a epidemiologia é uma ciência que se dedica ao estudo da frequência e distribuição de doenças e agravos à saúde em agrupamentos humanos. É considerada um dos eixos da Saúde Pública, uma vez que o conhecimento epidemiológico é imprescindível para o planejamento e avaliação dos serviços de saúde. Para Almeida-Filho et al. (2011, p. 3), a epidemiologia compreende três dimensões: “estudo dos determinantes de saúde-enfermidade, análise das situações em saúde e avaliação de tecnologias e processos no campo da saúde”.

A primeira dimensão remete à investigação dos fatores etiológicos das doenças, que é uma das grandes contribuições da epidemiologia. Além do estudo sobre a etiologia das doenças, as pesquisas epidemiológicas revelam a sua frequência e distribuição nas coletividades, de modo a apresentar um diagnóstico epidemiológico com o intuito de direcionar ações futuras (PEREIRA, 2008). Dessa forma, o conhecimento produzido na análise das situações em saúde deve preceder as ações de saúde (ALMEIDA-FILHO et al, 2011).

Para Pinheiro e Escosteguy (2011), os serviços de saúde têm o objetivo principal de promover melhorias nas condições de saúde das populações. Nesse sentido, a epidemiologia possui instrumentos que permitem a geração de informações úteis à análise de uma doença ou agravo à saúde em um determinado contexto. Em resumo, a segunda dimensão se refere a epidemiologia como uma ciência responsável por produzir conhecimento acerca do processo saúde-doença e seus determinantes, contribuindo para o planejamento de ações (BARRETO, 2002).

De acordo com Barreto (2002), a epidemiologia contribui, também, para a avaliação de tecnologias em saúde. O autor afirma que o estudo das tecnologias envolve tanto o seu potencial de cura, prevenção, cuidado e efeitos indesejáveis quanto o custo da sua aplicação na sociedade. Tendo em vista a necessidade de soluções que tenham impacto na sociedade, as tecnologias vêm ganhando expressão nos sistemas de saúde (PEREIRA, 2008). A esse

respeito Barata (2005) salienta que a introdução das tecnologias associadas à saúde tem causado um aumento progressivo nos custos dos serviços, tornando-se um dos receios mais atuais dos gestores.

Pereira (2008, p. 25) afirma que análise das tecnologias em saúde utiliza dois pontos principais: a relação causa-efeito e a verificação em três níveis. O autor se refere aos níveis em questão como “impactos das tecnologias em condições ideais de observação”, “impacto que produzem” e, também, “os recursos financeiros, humanos e materiais empregados [...] no uso das tecnologias”. As pesquisas epidemiológicas indicam, portanto, as medidas que possuem o melhor custo-efetividade, eficiência e eficácia.

A epidemiologia é um dos pilares da Saúde Coletiva (ALMEIDA-FILHO et al., 2011). De acordo com Pereira (2008), a epidemiologia é essencial na profissão do sanitarista, visto que cabe a esse especialista o exercício dos diagnósticos situacionais com o intuito de subsidiar o processo de tomada de decisão. A realização sistemática de estudos epidemiológicos gera dados acurados e válidos, que possuem o potencial de ampliar, em termos qualitativos e quantitativos, o nível de saúde das populações. Entretanto, como qualquer ciência, a epidemiologia, possui um discurso especializado, por vezes restrito ao meio científico.

2.3 MÍDIA, BIOÉTICA E EPIDEMIOLOGIA

O poder de influenciar o público é uma das características dos meios de comunicação em massa (MARTINS, s. d.). Para Legey et al. (2009), a mídia é um dos importantes meios de comunicação em massa, sendo responsável pela disseminação do saber e, também, pela ampliação de culturas. Por conta da linguagem popular e do fácil acesso, a mídia está presente no cotidiano das pessoas. Bévort e Belloni (2009, p. 1083) ressaltam em seu artigo que “as mídias são importantes e sofisticados dispositivos técnicos de comunicação”.

A palavra mídia passou a ser amplamente utilizada a partir da década de 1990, no entanto, é difícil conceituá-la (GUAZINA, 2007). De acordo com Guazina (2007, p. 55), trata-se de um “conceito-ônibus”, ou seja, “uma ampla gama de fenômenos, acontecimentos e transformações que envolvem a política, o jornalismo, a publicidade, o marketing, o entretenimento, nos diferentes meios” (GUAZINA, 2007, p. 55).

Para Clotet (2006, p. 15), bioética é definida como “estudo sistemático da conduta humana na área das ciências da vida e cuidado da saúde, enquanto essa conduta é examinada a luz dos valores e princípios morais”. O neologismo bioética foi criado na década de 1970 por Potter, um oncologista norte-americano que estava preocupado com a sobrevivência da espécie humana, no que diz respeito ao impacto da ciência na qualidade de vida (LOLAS, 2001).

Segundo Castiel (2003, p. 164), é preciso ter cautela na divulgação de achados científicos na mídia. O jornalismo científico é, por vezes, passível de sensacionalismo, o qual é compreendido como “um mecanismo de tratamento da informação utilizado pela mídia com objetivo de alcançar audiência que será convertida a capital” (FIORI et al., 2011, p. 251). Dessa forma, o sensacionalismo promove espetáculos de dramatização que modificam o pensamento do público-alvo (FIORI et al., 2011).

O excesso de sensacionalismo gera o que Gomes (2000, p. 13) chama de “pseudociência”, se referindo às distorções de dados científicos. Esse termo é, também, utilizado por Moraes (2007). Para ele, essa é uma das principais críticas feitas atualmente por pesquisadores e estudiosos do jornalismo científico. Os problemas advindos da ética no jornalismo são antigos (PATRÍCIO, 2013). A esse respeito, Vaz (2009) afirma que há vários estudos que se propõem a verificar se a mídia é realmente competente na tradução do saber científico ao público.

Para exemplificar, pode-se citar a emergência da AIDS, na década de 1980. Na época, os meios de comunicação em massa elaboraram discursos que culminaram na discriminação de certos grupos populacionais (GONÇALVES e VARANDAS, 2005). Para Castiel (2003), a mídia exerce um importante papel na formação de opiniões e tem o potencial de induzir o posicionamento do público, geralmente em favor de seus interesses. Por esse motivo, a comunidade científica pode, em certas situações, ficar receosa em divulgar seus achados.

Castiel (2003, p. 163) ressalta que em um ambiente de “insegurança” o indivíduo fica mais vulnerável na medida em que busca meios alternativos de se prevenir contra doenças e acaba deixando de lado outros hábitos protetores. Almeida-Filho (2001) alerta para o alarde da mídia como, por exemplo, ao

noticiar doenças transmissíveis, que ocasionam um estado de pânico coletivo através da divulgação de informações distorcidas. A inquietação social gerada a partir de dados noticiados pelos meios de comunicação em massa pode gerar, entre outros fatores, a vulnerabilidade e a estigmatização de certos grupos populacionais (GONÇALVES e VARANDAS, 2005).

Um exemplo recente da estigmatização de populações e bastante divulgado pela mídia mundial foi o ressurgimento do vírus Ebola na África. Por ser considerada uma doença com alto potencial de disseminação e com alta letalidade, algumas das medidas adotadas podem ser analisadas a partir do referencial da bioética. É possível mencionar, por exemplo, o isolamento de indivíduos afetados e a proibição de entrada de afrodescendentes nas fronteiras internacionais (LAPÃO, 2014).

De acordo com Castiel (2003, p. 164), a divulgação de achados científicos é complexa e, quando associada a notícias enganosas, pode “custar vidas”. A análise parcial de pesquisas científicas associada à grande procura por notícias inéditas e à rápida decodificação para o público, ignora sua complexidade, o que dá espaço, conseqüentemente, para distorções e contradições. Como solução, para evitar erros na divulgação científica para a sociedade civil, Candotti (2002) salienta que a tradução dos estudos deveria estar presente no ato do financiamento público da pesquisa, como um dos principais aspectos, trazendo responsabilidade para os pesquisadores de traduzirem adequadamente seus achados.

3 OBJETIVO

Analisar a atuação da mídia brasileira tanto impressa quanto televisiva na divulgação do conhecimento epidemiológico, a partir da percepção de epidemiologistas com reconhecida trajetória na área.

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE PESQUISA

Foi realizado um estudo descritivo, empregando-se a metodologia qualitativa de pesquisa.

4.2 IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES-CHAVE

O grupo de informantes-chave deste estudo foi composto por epidemiologistas que contribuem para o desenvolvimento da área e que, por terem um histórico de desenvolvimento de pesquisas científicas na área, conhecem as particularidades éticas dos estudos epidemiológicos não experimentais. Os atores foram identificados por meio da Plataforma Lattes, por ser uma base de dados de currículos de fácil acesso e disponível na rede mundial de computadores. Os critérios a seguir foram utilizados para a seleção: a) bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ)¹ - independentemente da categoria (1 e 2) ou nível (A, B, C e D); b) produção científica; e, c) coordenação ou participação principal em projetos de pesquisa. Além disso, a facilidade de acesso em termos geográficos foi considerada um item prioritário na eleição dos sujeitos, priorizando-se pesquisadores residentes no Distrito Federal.

Utilizou-se, ainda, a técnica “bola de neve” (em inglês, *snowball sampling*), que possibilita que a amostra seja definida por meio de referências feitas pelos próprios participantes da pesquisa, que conhecem outras pessoas com particularidades relacionadas com o estudo (PATTON, 2002). Ao longo das primeiras entrevistas, os participantes inicialmente identificados indicaram outros que, na sua concepção, contribuiriam para o desenvolvimento da área, repetindo-se o processo a cada novo informante-chave.

4.3 A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas individuais com roteiro semiestruturado, as quais foram gravadas. Para tanto, elaborou-se um roteiro com perguntas abertas, o qual foi complementado por questões

¹ A Produtividade em Pesquisa (PQ) é uma das modalidades de bolsas individuais no País concedidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), destinada a pesquisadores que se destacam entre seus pares.

derivadas dos assuntos abordados pelo entrevistado. Saliencia-se que apenas uma dessas perguntas foi objeto de análise neste trabalho: “Como você avalia a atuação da mídia brasileira, tanto impressa quanto televisiva, na divulgação de informações de natureza epidemiológica?”. Os informantes, que foram contatados pessoalmente ou por e-mail, escolheram a data, horário e local para a entrevista.

4.4 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Para análise das entrevistas transcritas foi utilizada a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Trata-se de uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal que busca juntar os discursos individuais emitidos pelos entrevistados de modo a expressar o pensamento de uma coletividade. Trata-se, portanto, de “uma forma ou um expediente destinado a fazer a coletividade *falar* diretamente” (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2003, p. 16, grifos no original). As etapas do DSC foram cumpridas na sequência a seguir, preconizada pelos seus proponentes (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2003):

- 1) Análise isolada das questões constituintes do roteiro. Elaborou-se um Instrumento de Análise de Discurso² (IAD) e as respostas foram copiadas, na íntegra, na coluna denominada *expressões-chave* – que constituem a matéria-prima dos DSC;
- 2) Identificação das expressões-chave das ideias centrais³ em cada uma das respostas, isto é, as partes dos depoimentos que revelavam a essência do conteúdo discursivo;
- 3) Colocação das ideias centrais em suas respectivas caselas no IAD;
- 4) Agrupamento das ideias centrais semanticamente iguais, equivalentes ou complementares;
- 5) Criação de uma ideia central que expressava todas as ideias centrais de mesmo sentido;

² Tabela constituída por três colunas: expressões-chave, ideias centrais e ancoragem. O número de linhas depende da quantidade de respostas obtidas para a questão sob análise.

³ As ideias centrais “são fórmulas sintéticas, que nomeiam os sentidos de cada depoimento e de cada categoria de depoimento” (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2006, p. 520).

6) Elaboração do DSC, que “é um discurso-síntese redigido na primeira pessoa do singular e composto pelas [expressões-chave] que têm a mesma [ideia central] ou [ancoragem]” (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2003, p. 18).

4.5 CONSENTIMENTO PARA A PESQUISA

Este estudo faz parte de uma pesquisa intitulada “A ética nos estudos epidemiológicos não experimentais”. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, protocolado sob o número 032/12 e aprovado em 8/5/2012, com base nos critérios estabelecidos na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, vigente na época (Anexo 1). Após leitura e concordância, cada entrevistado foi convidado a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1).

5 RESULTADOS

Foram entrevistados oito epidemiologistas, sendo cinco do sexo feminino, provenientes do Distrito Federal (n=6), Rio de Janeiro e Porto Alegre (n=2). Em relação ao vínculo profissional, são indivíduos vinculados durante anos a instituições públicas de ensino superior ou a uma fundação estatal vinculada ao Ministério da Saúde. Dois deles recebiam bolsa de PQ (Nível 1B e 2) na ocasião da entrevista. As ideias centrais (Quadro 1) e DSC descritos a seguir se referem à pergunta sobre a atuação da mídia brasileira na divulgação do conhecimento científico produzido no âmbito da epidemiologia.

Quadro 1 – Síntese das ideias centrais em relação à questão: “Como você avalia a atuação da mídia brasileira, tanto impressa quanto televisiva, na divulgação de informações de natureza epidemiológica?”.

A	De certa forma dá pra fazer uma avaliação positiva da mídia.
B	Os pesquisadores têm que se envolver na tradução adequada do conhecimento científico para a mídia, pois ela sempre vai estar atrás de coisas que impactem.
C	A abordagem é muito superficial, com raras e honrosas exceções, não há na mídia um aprofundamento da análise de determinados resultados de estudos epidemiológicos.
D	Em geral, a mídia tem um compromisso maior com os interesses econômicos do que com a informação.
E	Já dei várias entrevistas e o que eu falei, não foi o que saiu.

Ideia Central A: De certa forma dá pra fazer uma avaliação positiva da mídia.

DSC: *Eu acho que de certa forma dá pra fazer uma avaliação, mas eu não estou fazendo uma avaliação quantitativa. Estou fazendo uma avaliação qualitativa e sem ter condições pra isso, pois sou epidemiologista e, portanto, quantitativa. Por exemplo, um trabalho recente teve uma repercussão na mídia que eu acho favorável. Nele, um grupo de pesquisadores do IPEA estudou a redução de óbitos e de morbidades, de agravos em crianças que usam a cadeirinha no trânsito, nos carros. Quer dizer, o uso da cadeirinha reduziu de forma importante os óbitos e os agravos que ocorrem em crianças vítimas de acidentes de trânsito. Então, isso daí teve uma repercussão boa. Uma das conclusões dos autores é a seguinte: há isenção de imposto para compra de veículos, mas não há isenção de imposto para a venda da cadeirinha, que é um custo muito alto. Então, isso daí permite que você estude também outras políticas sociais e econômicas para determinadas coisas, para determinados materiais, um deles é a cadeirinha para a proteção contra acidentes de trânsito. Além disso, a própria mídia nos procura em certas situações. Outro dia o Ministro da Saúde falou sobre a menor mortalidade nas mulheres, ou seja, as mulheres estão vivendo mais que os homens. Isso saiu na imprensa nacional e a imprensa local nos procurou porque sabe que fazemos parte de um Centro*

de Pesquisa. No fim saiu uma matéria de duas páginas do jornal, entendeu? Então, eu acho que isso tem crescido. Outra coisa positiva: conseguimos mídia gratuita na imprensa local para divulgação de um estudo que fizemos. A gente foi em programas de rádio, televisão, não só botando nota no jornal. É uma forma das pessoas saberem quem é o pesquisador que está fazendo o estudo. E a gente sempre tem um espaço ótimo pra isso. Eles estão nos chamando a toda hora, às vezes a gente que não consegue dar conta porque também tem que fazer a publicação científica pra mandar, mas a mídia tem procurado. Então eu acho que nesse sentido dá pra dizer que é uma avaliação positiva.

Ideia Central B: Os pesquisadores têm que se envolver na tradução adequada do conhecimento científico para a mídia, pois ela sempre vai estar atrás de coisas que impactem.

DSC: *Em geral, o pesquisador acha que o papel dele acaba na hora em que produz o artigo científico. Eu acho que pros profissionais e pros pesquisadores que trabalham um pouco na linha da prática baseada em evidência, do uso da informação pra tomada de decisão, que vai além da publicação científica dos achados, têm que ter certo envolvimento no sentido de tradução adequada desse conhecimento pra mídia, pro gestor, pro profissional de saúde da ponta, do nível local. E isso não termina com a publicação de um artigo científico. Existe um centro de pesquisa na área de epidemiologia que, já há algum tempo, conta com o apoio de uma profissional da área de comunicação. Ela ajuda a transpor o conhecimento científico para uma linguagem simples, de modo que as pessoas saibam, de fato, o que os pesquisadores estão fazendo. Alguns pesquisadores têm buscado isso e têm percebido que a mídia tem ido muito atrás. A epidemiologia, particularmente, é uma ciência muito aplicada, tem que ter um cuidado, um esforço posterior de comunicação desses resultados. No lugar de deixar que a mídia leia um artigo científico e faça uma interpretação equivocada dos achados, eu acho que é nosso papel, é papel dos serviços que utilizam esses dados ou que produzem coisa científica, pautar a mídia adequadamente. Então, tem um movimento muito mais proativo de usar a mídia em favor daquilo que a gente quer noticiar, daquilo que a gente quer divulgar, daquilo que a gente quer pautar pra população. Eu acho que é um processo de maior proatividade do próprio pesquisador, do próprio serviço, do próprio profissional de saúde em utilizar a mídia a favor daquilo que ele quer divulgar, e não passivamente achando que ela sempre vai ter uma interpretação adequada de mensagens que a gente passa, às vezes, muito herméticas num trabalho científico, muito pouco claras sobre qual a mensagem que a gente gostaria que fosse difundida para a população. Talvez a mídia possa usar essa mensagem de forma adequada se a gente tiver um movimento mais proativo de tradução. Existe na teoria da prática baseada em evidência, saúde coletiva baseada em evidência, um passo muito relevante que é o de tradução adequada dos achados pra população, tradução pro gestor, tradução pra mídia, de modo que eles possam entender qual é a mensagem daquela produção de conhecimento científico e o que é mais relevante de ser transmitido e divulgado, não utilizando de uma forma utilitária, mas de uma forma necessária pra população entender os achados. Eles sempre vão estar atrás de coisas que impactem, a gente tem que estar junto pra identificar realmente o que interessa ser divulgado. É papel do pesquisador e*

principalmente dos pesquisadores vinculados ao serviço – que são muitos, hoje a gente tem uma capacidade científica muito grande dentro das próprias instituições de saúde – ser capaz de fazer essas traduções, de ter uma ação mais proativa de pautar a mídia, pautar os grupos sociais, pautar as militâncias, pautar as instituições locais, as organizações não governamentais pra entender o que está sendo produzindo cientificamente e pra traduzir aquilo de forma adequada pras ações.

Ideia Central C: A abordagem é muito superficial, com raras e honrosas exceções, não há na mídia um aprofundamento da análise de determinados resultados de estudos epidemiológicos.

DSC: *Realmente, o que a gente vê na mídia é uma superficialidade muito grande. Às vezes se pega um dado solto e se distribui. Eu não vejo na mídia, com raras e honrosas exceções, um aprofundamento da análise de determinados resultados de estudos epidemiológicos. Então, não raro, a abordagem é muito superficial. Isso ocorre, em parte, porque a pesquisa epidemiológica lida, na maioria das vezes, com inferência estatística. Ela não é facilmente decodificada, nem mesmo por profissionais de saúde que não são epidemiologistas ou que simplesmente não conhecem o método. Então, o fato dela não ser facilmente decodificada, ou seja, interpretada, leva realmente a muitas distorções. É o médico que distorce na hora de avaliar o paciente, utilizando dados epidemiológicos que ele não deveria transferir diretamente pra um paciente, pra um indivíduo, já que o dado é populacional. É a mídia fazendo escândalos com, muitas vezes, dados pontuais, pouco precisos ou pouco válidos. Então, é muito difícil. A mídia escrita faz muito isso também: apresenta uma manchetezinha que chama atenção, todo mundo se assusta, mas cadê o estudo original? Você tem que ter o estudo original pra poder realmente interpretar aquilo, só que ele não é facilmente decodificável. O sensacionalismo está na base da formação do pensamento da mídia e a metodologia não é enfatizada. Quer dizer, o jornalista não sabe as limitações, o que está no estudo. Ele pega aquela inferência ou uma coisa prudentemente que você escreveu ou não, deixou implícito. Eu acho muito sério isso, muito difícil, não sei como lidar. Eu acho realmente complicado. Não sei qual é a solução pra isso porque, ao mesmo tempo, o resultado da pesquisa tem que ser divulgado para o público. É aquela questão das pessoas terem acesso ao resultado da pesquisa. Então, tem que ser divulgado. Agora, muitas vezes, é divulgado de forma errada. Faz pouco tempo, saiu uma coisa no jornal falado que era completamente errada do ponto de vista técnico. E não é porque a pesquisa estivesse errada, mas porque o jornalista que, lógico, é leigo, usou um termo errado na hora de passar a informação e, com isso, distorceu completamente toda a informação. Era, na verdade, uma informação clínica, nem era epidemiológica e ele distorceu toda a informação. Então, eu não sei qual é a solução pra isso, mas que precisa realmente melhorar, precisa, porque o dado é colocado muitas vezes de forma equivocada ou pouco clara, assusta a população, gera mitos, gera a iatrogenia cultural, porque vai criando uma cultura errada. Quando o assunto está muito em voga, está na moda falar do assunto, a mídia quer qualquer coisa pra reforçar. Recentemente teve aquele caso de cura de HIV de uma criança. Aí o pessoal da imprensa fica nas revistas científicas procurando artigos. Só que muitos artigos que saem na*

imprensa e que são publicados nessas revistas, são artigos de ciência básica. São tijolinhos que depois você vai agregar num outro conhecimento. Eles pegam aquilo e querem discutir coisas de ciência básica mesmo, de linhagem celular. Eles não entendem, mas ficam perguntando e acabam deturpando um pouco. Um estudo epidemiológico observacional, por exemplo, é totalmente passível de erros, de precisão, de validade, tem que ser avaliado muito rigorosamente. Apesar disso, é muitas vezes colocado na mídia como verdade absoluta. No mundo todo, a gente vê a divulgação de pesquisas por pessoas leigas na melhor intenção de divulgar os resultados, de democratizar, mas com problemas de interpretação. Não sei se o jornalista deveria ser mais bem formado nessa parte, não sei como é o curso de jornalismo, não sei se tem isso. Eu sei que tem um jornalismo científico, que a pessoa provavelmente tem essa base metodológica pra você não levantar expectativas.

Ideia Central D: Em geral, a mídia tem um compromisso maior com os interesses econômicos do que com a informação

DSC: *Eu acho que a mídia tem um compromisso maior com os interesses econômicos do que com a informação. A mídia tem alguns compromissos muito claros com quem a financia que é, em geral, o capital, salvo honrosas exceções, pessoas íntegras que fazem determinadas escolhas. Recentemente, em um programa matinal voltado para o público feminino, chamou-se um especialista entre aspas, que foi completamente contrário às evidências científicas, às recomendações da Organização Mundial de Saúde e às recomendações do Ministério da Saúde referentes à amamentação. E aí o povo se agitou, o Ministério Público entrou contra a rede de televisão e eles tiveram que fazer outra matéria esclarecendo os benefícios da amamentação. O tal “especialista” era absolutamente contra. Então, assim, que liberdade é essa das pessoas emitirem opiniões a título de serem especialistas, que na verdade têm interesse econômico certamente por trás de desmamar precocemente, uma vez que as indústrias do leite são muito poderosas.*

Ideia Central E: Já dei várias entrevistas e o que eu falei, não foi o que saiu.

DSC: *Eu sou muito preocupado com a mídia. Eu já dei várias entrevistas e o que eu falei, não foi o que saiu. De vez em quando, me chamam pra fazer alguma divulgação, mas eu não falo mais. Tenho um colega que fez uma tese de Influenza e um meio de comunicação a juntou com a fala do Secretário de Vigilância pra detonar o Ministério da Saúde. E não era isso. Vi o processo, vi a reportagem e não foi aquilo, não foi a intenção do meu colega. É muito desconfortável você ser utilizado para fins políticos. Então, os repórteres deturpam mesmo. Eles têm técnicas pra você falar coisas e eles tiram do contexto, botam em outro. Então, muda completamente. Eu falei para alguns nesse último surto de Serratia. Quando fui ler a reportagem falei: “não é possível, não falei isso pra eles”. Eles botaram nos jornais coisas completamente erradas e sai no meu nome. Então, eu parei de falar, eu não falo mais, exceto quando eles vêm gravar entrevista aqui. Depois eu fui perceber, os repórteres usam umas técnicas que eles começam a fazer umas perguntas sobre o assunto, aí você começa a falar. Daqui a pouco, eles fazem*

uma pergunta polêmica, aí como você já está falando, você acaba engrenando naquilo. Eles pegam essa pergunta polêmica e botam em outro contexto. Aí pronto, é um caos, deturpam completamente a informação. Eu só vou quando for ao vivo e quando eu puder ver o que está escrito antes. Só faço nessas condições. Às vezes eu fico até com vergonha de falar o que eles botaram lá que eu falei. É vergonhoso. A mídia tem um papel fundamental na divulgação do conhecimento, mas quando você deixa que ela utilize artigos científicos pouco traduzidos pra linguagem compreensível deles, da forma com que lhes parecer mais chamativa, um populismo maior, a gente fica muito refém dessa história toda e tem que correr atrás pra fazer as correções, pra tentar minimizar os danos, pra tentar não ter impactos nas práticas e na resposta da população em relação a determinadas questões que, às vezes, podem ter sido pautadas equivocadamente. Então, você sente primeiro o despreparo das pessoas. Elas pegam não o lado que tem que pegar, que na maioria das vezes está no artigo, eles pegam as inferências. Da mesma maneira que você tem bons e maus médicos, você tem bons e maus jornalistas, bons e maus advogados, alguns com mais compromissos outros com menos. Agora, acho que a questão ética é um detalhe importante e que nem todas as pessoas tem essa preocupação.

6 DISCUSSÃO

Para Santiago (2007, p. 18), a linguagem técnico-científica é “inacessível, estranha e difícil” para indivíduos que a desconhecem. Assim, a divulgação do conhecimento científico requer, sem dúvida, uma prática comunicativa, mas, sobretudo, pedagógica, de modo a estabelecer um “elo entre a comunidade científica e a leiga” (SANTIAGO, 2007, p. 18). Na Ideia Central B, salienta-se que o uso de uma linguagem hermética por parte dos pesquisadores pode ter, como consequência, uma interpretação inadequada dos achados. Na referida Ideia Central, os entrevistados ressaltam que um passo relevante da prática baseada em evidências é, justamente, a tradução adequada dos achados com o intuito de clarificar a mensagem da produção científica a todos os interessados.

A prática baseada em evidências é, de acordo com Galvão et al. (2003, p. 44), “uma abordagem que envolve a definição de um problema, a busca e avaliação crítica das evidências disponíveis, implementação das evidências na prática e avaliação dos resultados obtidos”. Teve origem no Canadá, mas se desenvolveu no Reino Unido com o objetivo de aumentar a qualidade dos serviços de saúde, assim como de diminuir seus custos operacionais (GALVÃO et al., 2002). Essa prática abrange resultados de pesquisas qualificadas, de modo que as evidências forneçam fundamentos científicos para a tomada de decisão (GALVÃO et al., 2002). Entretanto, como afirma Duarte (2003, p. 61), “a evidência científica não exclui, de todo, as incertezas, sendo passíveis de sofrer influências por elementos externos”. Dessa forma, a implementação de uma medida, ainda que baseada em evidências, requer avaliações contínuas e monitoramento, com a finalidade de corrigi-la e aprimorá-la a partir dos resultados alcançados.

Motta-Roth e Marcuzzo (2010, p. 514) afirmam que a publicação e subsequente popularização de um artigo científico por intermédio da mídia fazem parte de uma “dinâmica político-econômica”. A esse respeito, o DSC referente à Ideia Central D, trata da relação entre interesses econômicos e midiáticos. Santos e Santos (2012) afirmam que “as principais fontes de informação que os jornalistas podem contar estão nas assessorias de imprensa que prestam serviços políticos ou a órgão e entidades ligadas à política”. Para tais autores, os jornalistas possuem acesso a informações que podem causar

impacto no cotidiano das pessoas e, por isso, devem ter um compromisso com a ética e com a verdade (SANTOS e SANTOS, 2012). Dessa forma, a inserção de interesses econômicos ou políticos na mídia pode levar a perda de credibilidade perante o público. Em contrapartida, na Ideia Central A os entrevistados destacam as características positivas da mídia. Para eles, a mídia apresenta o potencial de promover um elo entre os pesquisadores e a sociedade civil. Nesse sentido, Barrichello et al. (1996, p. 1) afirmam que o jornalismo científico deve constituir-se “em fator de crescimento da ciência – um instrumento para democratizar o conhecimento”.

No DSC correspondente à Ideia Central C, os entrevistados salientam a importância de uma formação acadêmica adequada no que se refere ao jornalismo científico. Segundo Barrichello et al. (1996, p. 1), o “jornalismo científico é a divulgação de fatos relacionados à ciência e tecnologia ao público em geral, através dos meios de comunicação em massa”. Possui, basicamente, as seguintes funções: “democratização do conhecimento, adaptação da linguagem, comprometimento social e educação permanente” (BARRICHELO et al., 1996, p. 2). Para Machado e Sandrini (2013, p. 181), o jornalismo científico tem a função de sistematizar e analisar de modo crítico as notícias provenientes do meio acadêmico. De acordo com tais autores, “nem sempre os veículos e os profissionais são norteados por princípios éticos”. Bucci (2000, p. 203) defende que cabe à Universidade “cultivar a noção de que o jornalismo, acima de tudo, é uma ética”. A esse respeito, Meyer (1989, p. 49) afirma que o código de ética no jornalismo é formado por dois tipos: o escrito e o não escrito, que correspondem, respectivamente, a um normativo escrito e a um “conjunto de reflexos”, que é o mais complicado e, por vezes, oculto ao jornalista. Um dos principais problemas relatados por esse autor é o conflito de interesses. Segundo Machado e Sandrini (2013, p. 180), “nem sempre os interesses dos jornalistas condizem com os interesses dos cientistas”.

Quanto à formação dos jornalistas, afirma Bucci (2000, p. 204), a Universidade “não existe para entregar ao mercado profissionais treinados”, mas tem o dever de despertar o senso crítico. Para o autor, essa formação se dá por completa “no exercício da função pública que é o jornalismo”. Outra questão apontada pelos entrevistados é a distorção dos fatos. Machado e Sandrini (2013, p. 178) salientam que muitos cientistas criticam os erros e as

falhas das reportagens, as quais ocorrem “devido às confusões e enganos que podem ocorrer durante as entrevistas, coletas de informações ou transposição de dados para a matéria”. Em seu artigo, Cavalcanti (1995, p. 149) afirma que tanto cientistas quanto jornalistas “concordam que o sensacionalismo contribui para afastar a comunidade científica da imprensa”. Para Bueno (2010, p. 3), a difusão do conhecimento científico requer, muitas vezes, a “decodificação ou recodificação do discurso especializado”, o que pode contribuir para a imprecisão da informação. O autor acrescenta que, com raras exceções, essa decodificação extrapola a capacidade dos jornalistas, os quais, por vezes, buscam “privilegiar a espetacularização da notícia” e, conseqüentemente, a “ampliação da audiência”. De acordo com Moraes (2007), algumas reportagens abordam a ciência de modo adequado, mas, em geral, buscam uma leitura mais aprazível ao leitor. Com isso, promovem adaptações no conteúdo original.

Na Ideia Central E, os entrevistados afirmam que, quando procurados, estabelecem condições para poderem contribuir com a mídia. Para Cavalcanti (1995), a leitura prévia da matéria antes da publicação na fonte é uma estratégia que pode ser utilizada pelo pesquisador para se evitar erros, ainda que possa ocorrer algum incômodo no pedido.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para os entrevistados, não raro, dados concludentes de pesquisas epidemiológicas são divulgados na mídia impressa e televisiva de forma descontextualizada, sem levar em conta a estratégia metodológica adotada e as limitações. O problema é que o entendimento parcial, ou até mesmo incorreto, do conhecimento científico produzido, gera consequências para a população, como a estigmatização de determinados grupos sociais. Em um dos DSC, aparece a questão de que cabe ao epidemiologista contribuir para que os resultados dos seus estudos sejam corretamente veiculados na imprensa. A comunicação e disseminação do conhecimento epidemiológico em linguagem acessível para o público em geral é, portanto, uma das atribuições desse profissional. Alguns entrevistados destacam, ainda, que a mídia é um espaço rico e diferenciado de difusão do conhecimento epidemiológico. Tem, portanto, o potencial, nem sempre explorado, de promover uma maior aproximação entre pesquisadores e beneficiários da ciência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA-FILHO, N. Distorções da mídia provocam histeria da guerra biológica [Editorial]. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 16 out. 2001.

ALMEIDA-FILHO, N.; BARRETO, M. L.; ROUQUAYROL, M. Z. A epidemiologia como ciência. In: ALMEIDA-FILHO, N.; BARRETO, M. L. (Eds.) **Epidemiologia & Saúde: fundamentos, métodos, aplicações**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p. 3-4.

BARATA, R. B. Ética e epidemiologia. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, n. 3, p. 735-753, 2005.

BARRETO, M. L. Papel da epidemiologia no desenvolvimento do Sistema Único de Saúde no Brasil: histórico, fundamentos e perspectivas. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 5, supl. 1, Curitiba, 2002.

BARRICHELLO, E. M. R.; ANDRADE, M; SPARREMBERGER, F. A participação do conhecimento através do jornalismo científico. Centro de Tecnologia da UFSM – **Jornal SABER CT**, p. 1-7, 1996.

BÉVORT, E.; BELLONI, M. L. Mídia-Educação: conceitos, histórias e perspectivas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, 2009.

BOCCATO, V. R. C.; CURTY, M. G. O artigo científico como forma de comunicação do conhecimento na área de Ciências da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 91-107, 2005.

BUCCI, E. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BUENO, W. C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximação e ruptura conceituais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, p. 1-12, 2010.

CANDOTTI, E. Ciência na educação popular. **Ciência e Público**, Rio de Janeiro, p. 15-23, 2002.

CASTIEL, L. D. Insegurança, ética e comunicação em saúde. **Revista de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 161-167, 2003

CAVALCANTI, F. M. C. G. Jornalistas e cientistas: os entraves de um diálogo. **INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 140-152, 1995.

CLOTET, J. **Bioética: uma aproximação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

DUARTE, E. C. A informação, a análise e a ação em saúde. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 12, n. 2, 2003.

FIORI, B. S. et al. Jornalismo e sensacionalismo: o fato, a notícia e o show. **Identidade Científica**, Presidente Prudente, v. 2, n. 2, p. 251-265, 2011.

GALVÃO, C. M.; SAWADA, N. O.; ROSSI, L. A. A prática baseada em evidências: considerações teóricas para sua implementação na enfermagem perioperatória. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 10, n. 5, 2002.

GALVÃO, C. M.; SAWADA, N. O.; MENDES, I. A. C. A busca das melhores evidências. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, p. 43-50, 2003.

GOMES, I. M. A. M. **A divulgação científica em Ciência hoje**: características discursivo-textuais. 2000. 306 p. Dissertação (Doutorado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

GONÇALVES, E. H.; VARANDAS, R. O papel da mídia na prevenção do HIV/Aids e a representação da mulher no contexto da epidemia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n. 1, 2005.

GUAZINA, L. O conceito de mídia na comunicação e na ciência política: desafios interdisciplinares. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 49-64, 2007.

HOHLFELDT, A.; VALLES, R. R. **Conceito e história do jornalismo brasileiro na “Revista de Comunicação”**. EDIPUCRS, Porto Alegre, v. 2, 2008.

KUCINSKI, B. Jornalismo, saúde e cidadania. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, p. 181-186, 2000.

LAPÃO, L. Impacto do Ébola nos sistemas de saúde africanos. **Instituto de Higiene e Medicina Tropical**, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, n. 1, 2014.

LEGEY, A. P.; JURBERG, C; COUTINHO, C. M. L. M. Educação científica na mídia impressa brasileira: avaliação da divulgação de biologia celular em jornais e revistas selecionadas. **Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Alexandria, v. 2, n. 3, p. 35-52, 2009.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2003. 255p.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. O sujeito coletivo que fala. **Interface – comunicação, saúde, educação**, v. 10, n. 20, p. 517-524, 2006.

LOLAS, F. **Bioética: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LOUREIRO, S. Ética e Epidemiologia: reflexão para uma prática social. **Saúde em Debate**, Belo Horizonte, n. 36, p. 1-7, 1992.

LUIZ, O. C. **Risco epidemiológico nos jornais diários**. 2003. Dissertação (Doutorado em Ciências) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina, São Paulo.

LUNA, E. J. A. SARS, epidemiologia, mídia e democracia [Editorial]. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 6, n. 1, 2003.

LUZ, L.H. A tradução do conhecimento científico nas matérias de saúde da revista *Veja*. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 10, n. 21, p. 91-97, 2009.

MACHADO, N.; SANDRINI, R. Jornalismo científico: desafios e problemas na cobertura da ciência. **Revista Caminhos**, v. 4, n. 6, p. 169-183, 2013.

MALINVERNI, C. **Epidemia Midiática**: um estudo sobre a construção de sentidos na cobertura da Folha de S. Paulo sobre a Febre Amarela, no verão 2007- 2008. 2011. 166 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas S.A, 2009.

MARTINS, V. L. Mídia, identidade cultural e sociedade. **Revista Científica Intr@ciência**, São Paulo, p. 107-112, s. d.

MATTOS, C. M; SIQUEIRA, J. E. Mídia e bioética: repensando a ética na informação. **Revista Brasileira de Bioética**, v. 1, 2005.

MEYER, P. **A ética no jornalismo**: um guia para estudantes, profissionais e leitores. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

MORAES, V. R. F. **Jornalismo científico fetichizado**: análise comparativa das revistas Superinteressante, suas edições especiais e National Geographic magazine. 2007. 144 p. Tese (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

MOTTA-ROTH, D.; MARCUZZO, P. Ciência na mídia: análise crítica de gênero de notícias de popularização científica. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 511-538, 2010.

OLIVEIRA, V. C. A comunicação midiática e o Sistema Único de Saúde, **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v. 4, n. 7, p. 71-80, 2000.

PATTON, M. Q. **Qualitative research & evaluation methods**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage, 2002. 598p.

PATRÍCIO, E. Dilemas éticos e produção do jornalismo: percepções a partir da tecnologia. **Brazilian Journalism Research**, v. 9, n.2, p. 150-171, 2013.

PEREIRA, M. G. **Epidemiologia: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

PINHEIRO, R. S.; ESCOSTEGUY, C. C. Epidemiologia e serviços de saúde. In: MEDRONHO, R. A.; BLOCH, K. V.; LUIZ, R. R.; WERNECK, G. L. **Epidemiologia**. São Paulo: Atheneu, 2009.

ROUQUAYROL, M. Z.; ALMEIDA-FILHO, N. **Epidemiologia & Saúde**. Rio de Janeiro: MEDSI, 2003.

SANTIAGO, M. S. **Redes de palavras-chave para artigos de divulgação científica da medicina**: uma proposta à luz da terminologia. 2007, 151 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.

SANTOS, G. F.; SANTOS, S. B. A. A mídia e os interesses políticos e econômicos: o jornalismo como elo entre a sociedade e a informação. **PJ:Br Revista do Jornalismo Brasileiro**, São Paulo, v. 1, n. 15, 2012.

SILVA, F. L. O caso escola base e a importância da ética na prática do jornalismo. **Revista da Católica**, v. 1, n. 2, p. 131-139, 2009.

SINGER, P.A. et al. Ethics and SARS: lessons from Toronto. **BMJ**, v. 327, p.1342-1343, 2003.

TARGINO, M. G. **Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos**. Brasília, 1999.

TEIXEIRA, M. Pressupostos do jornalismo de ciência no Brasil. **Revista Ciência e Público**. p. 133-141, s.d.

TILLY, C. O acesso desigual ao conhecimento científico. *Tempo social*, **Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 18, n. 2, 2005.

VAZ, P. Mídia, moralidade e fatores de risco em saúde [EDITORIAL]. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n.3, p. 472-473, 2009.

APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PROJETO DE PESQUISA: A ÉTICA NOS ESTUDOS EPIDEMIOLÓGICOS NÃO EXPERIMENTAIS

Tendo em vista as suas relevantes contribuições para o desenvolvimento da epidemiologia você está sendo convidado a colaborar, como voluntário, de uma pesquisa cujo objetivo é analisar as particularidades éticas de estudos epidemiológicos não experimentais. Caso aceite você participará de uma entrevista individual em local, data e horário de sua preferência, sendo assegurado o sigilo de sua identidade e dos dados. O tempo de duração da entrevista estará condicionado a sua disponibilidade e você poderá se recusar a responder qualquer pergunta.

Os riscos relativos à sua participação nesta pesquisa são mínimos e associados a um possível desconforto perante alguma questão da entrevista. Além disso, os benefícios que você terá serão indiretos, visto que a sua contribuição permitirá ampliar o debate em torno da necessidade do desenvolvimento de procedimentos éticos específicos para pesquisas epidemiológicas de base populacional.

A sua entrevista será gravada e analisada em conjunto com as dos outros participantes, sendo assegurado o anonimato de todas as pessoas envolvidas e a exclusão, na etapa de análise dos dados, de qualquer particularidade eventualmente citada que possibilite a sua identificação. Você possui, quando solicitado, o direito de ser mantido atualizado a respeito dos resultados parciais, ainda que possa afetar sua vontade em continuar participando desta pesquisa. Deste modo, é garantida a liberdade de retirada do consentimento a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou penalidade para você.

Adicionalmente, não haverá despesas pessoais, bem como nenhuma compensação financeira relacionada à sua participação. Ressalta-se, ainda, o compromisso dos pesquisadores em utilizar os dados coletados somente para os propósitos desta pesquisa. Os resultados serão divulgados em revistas/eventos científicos de forma a não identificar os participantes e, caso queira, você poderá tomar conhecimento dos resultados ao final desta pesquisa.

Os dados provenientes de sua participação ficarão sob a guarda da pesquisadora Flávia Reis de Andrade. Você poderá ter acesso a ela em qualquer etapa do estudo – *Telefones para contato*: (061) 3475-6073 / (061) 9944-4522 / *E-mail*: flaviaandrade@unb.br. Se você tiver alguma dúvida ou consideração em relação aos aspectos éticos desta pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília – *Telefone para contato*: (061) 3107-1947 / *E-mail*: cepfs@unb.br.

Caso aceite participar da pesquisa, assinie ao final deste documento que será preenchido em duas vias. Uma delas é sua e a outra pertence à pesquisadora responsável.

Eu, _____, estou ciente do conteúdo deste termo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos da pesquisa, os procedimentos a serem realizados, bem como as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Recebi, ainda, a informação de que minha participação é isenta de despesas e de que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a pesquisa, sem penalidades ou prejuízos.

Data: ___/___/12

Assinatura do participante

Atesto que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do participante supracitado.

Flávia Reis de Andrade
Pesquisadora responsável

ANEXO 1 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Universidade de Brasília
Faculdade de Ciências da Saúde
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/FS

PROCESSO DE ANÁLISE DE PROJETO DE PESQUISA

Registro do Projeto no CEP: **032/12**

Título do Projeto: “A ética nos estudos epidemiológicos não experimentais”.

Pesquisadora Responsável: Flavia Reis de Andrade

Data de Entrada: 10/04/12

Com base na Resolução 196/96, do CNS/MS, que regulamenta a ética em pesquisa com seres humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, após análise dos aspectos éticos e do contexto técnico-científico, resolveu **APROVAR** o projeto **032/12** com o título: “A ética nos estudos epidemiológicos não experimentais”, analisado na 4ª Reunião Ordinária, realizada no dia 08 de maio de 2012.

A pesquisadora responsável fica, desde já, notificada da obrigatoriedade da apresentação de um relatório semestral e relatório final sucinto e objetivo sobre o desenvolvimento do Projeto, no prazo de 1 (um) ano a contar da presente data (item VII.13 da Resolução 196/96).

Brasília, 13 de junho de 2012.


Prof. Natan Monsores
Coordenador do CEP-FS/UnB